

A NARRATIVA BAIANA CONTEMPORÂNEA: MEMÓRIA E ESPAÇO URBANO NA FICÇÃO DE CARLOS RIBEIRO

Milena Guimarães Andrade Tanure (PPGEL/UNEB)¹

Resumo: Nas escritas atuais, a presença de um homem contemporâneo que, atravessado pelas transformações do seu tempo, é representado, ou se faz representar, por meio de uma escrita memorialística questionadora e, em sua subjetividade, amplamente universal tem sido demarcada pela crítica literária. Em um cenário de incertezas, o texto literário tem sido utilizado para tentar recuperar o que perdido e que teria o poder de conferir o reconhecimento e o sentimento de estabilidade e pertencimento. Nesse cenário, o presente trabalho objetiva evidenciar como a prosa ficcional do escritor baiano Carlos Ribeiro tem se inserido expressivamente nesse contexto, uma vez que temos, em essência, narrativas que, em seu tratamento a temas individuais, abarcam questões coletivas. Procura-se avaliar, assim, o modo pelo qual Ribeiro faz parte de uma tradição literária que promove uma relação entre a criação ficcional e as memórias subjetivas e coletivas.

Palavras-chave: Memória; Salvador; Espaço urbano; Carlos Ribeiro.

A crítica literária tem demarcado nas escritas atuais a presença constante de um homem contemporâneo que, atravessado pelas transformações do seu tempo, é representado, ou se faz representar, por meio de uma escrita memorialística questionadora e, em sua subjetividade, amplamente universal. A prosa ficcional do escritor baiano Carlos Ribeiro tem se inserido expressivamente nesse cenário, uma vez que temos, em maioria, histórias que, em seu tratamento a temas individuais, abarcam questões coletivas. Nesse sentido, podemos perceber: se em alguns momentos a escrita de Ribeiro aparenta ser intimista, sobretudo nas narrativas em primeira pessoa, assim não se apresenta ao se avaliar o seu conteúdo, uma vez que o “eu” que se enuncia evoca memórias plurais de diferentes sujeitos e gerações.

Esse homem, envolvido pelas questões inerentes ao seu tempo, revela, pela literatura, as angústias e incertezas em que está submerso. Nesse cenário, o texto literário tem sido utilizado para tentar recuperar o que perdido e que teria o poder de conferir o reconhecimento e o sentimento de estabilidade e pertencimento. Percebe-se, assim, que, “com a pós-modernidade, que representa o fim daquilo que Jean-François Lyotard chamou de grandes narrativas [...] o futuro desaparece do campo de visão.

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), graduada em Letras Vernáculas pela UNEB, graduada em Direito pela Universidade Salvador (UNIFACS) e especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Contato: milena.tanure@gmail.com



Atolado no presente, o sujeito vai-se projetar sobre o passado, o que explica a proliferação das escritas da memória e da história” (FIGUEIREDO, 2013, p.25). Ao tratar do crescimento dessas práticas de rememoração e a proliferação de literatura memorialística, biografias, autobiografias ou autoficção, Eurídice Figueiredo (2013, p.25, grifo da autora) afirma que “o sujeito tem necessidade de dizer *eu* para sair da indistinção pós-moderna, ele precisa prover o eu de marcas distintivas que possam confirmar sua existência, assinalar seu pensamento e reforçar sua singularidade”.

A grande presença da rememoração na escrita literária contemporânea merece ser pensada e, para tanto, é preciso se reconhecer que tal prática compreende fenômeno que não se evidencia apenas na literatura. Conforme afirma Andreas Huyssen (2000), a emergência da memória como uma das preocupações centrais das sociedades ocidentais é um dos mais surpreendentes fenômenos culturais e políticos da atualidade. Contrastando com o privilégio ofertado ao futuro no início do século XX, tal fenômeno se caracteriza por uma volta ao passado e desde a década de 1970, na Europa e nos Estados Unidos, tem sido possível observar uma série de práticas memorialísticas, tais como a restauração de velhos centros urbanos, o *boom* das modas retrô, o crescimento de documentários históricos na televisão etc. Entre tais práticas de culto ao passado, Huyssen (2000, p.14) cita, ainda, a literatura memorialística e confessional, assim como o “crescimento dos romances autobiográficos e históricos pós-modernos (com as suas difíceis negociações entre fato e ficção)”.

No mesmo sentido, Pierre Nora (2009) afirma que o mundo está experimentando a emergência da memória, “[...] é como uma onda de recordação que se espalhou através do mundo e que, em toda parte, liga firmemente a lealdade ao passado – real ou imaginário – e a sensação de pertencimento, consciência coletiva e autoconsciência” (NORA, 2009, p.6). A partir da compreensão aqui apresentada de que vivemos uma o “tempo da memória” (NORA, 2009, p.7), percebe-se que “não há dúvida de que o mundo está sendo musealizado e que todos nós representamos os nossos papéis neste processo. É como se o objetivo fosse conseguir a recordação total” (HUYSSSEN, 2000, p.15). Carlos Ribeiro, a partir da sua produção literária, aparenta tomar para si o papel de, pela representação do que não mais existe, trazer para o presente aquilo que fincou suas raízes no passado e que constitui lembranças importantes demais para serem obliteradas. Nas narrativas de Ribeiro um eu que se coloca na narrativa, por meio dos



narradores ou personagens, distingue-se da multidão ao, perambulando pela cidade, retomar antigas vivências, experiências e locais que fincaram raízes na memória. A retomada do passado se apresenta, assim, como tentativa de se resguardar aquilo que vai se apagando na imagem atual do espaço urbano, mas que é nítido e significativo para aquele que rememora.

Essa “onda de recordação” (NORA, 2009) se faz sentir nas produções literárias mais recentes por meio de um tom saudosista que permeia as narrativas e Ribeiro faz parte de uma tradição literária que promove uma relação entre a criação ficcional e as memórias subjetivas e coletivas. Entre as marcas dessa produção de memórias na narrativa de Ribeiro têm-se tanto as representações de um tempo pretérito quanto a presença de um narrador ou personagem que retoma elementos do passado em razão de um estranhamento diante dos espaços e práticas do presente. Um dos elementos da ficção de Ribeiro que a singulariza no bojo das representações memorialísticas, por sua vez, diz respeito, em especial, ao artifício de narrar por meio de um tom nostálgico que evoca tempos e lugares de uma Salvador que são irrecuperáveis pelo ato de lembrar, tanto pela impossibilidade de se reviver aquilo que ocorreu no passado quanto pelo fato de a rememoração ser, assim como a produção literária, um ato de criação.

A associação entre a construção ficcional e memorialística que é possível estabelecer a partir da leitura dos textos de Ribeiro conduz a uma análise do modo como esse desejo de narrar se associa ao anseio de contar aquilo que fincado no passado. Assim, em entrevista concedida à jornalista Belissa Marchi, o escritor foi questionado sobre a vontade de escrever e respondeu:

Eu já escrevia diários desde a adolescência. Na verdade, eu anotava o que acontecia durante o dia, mas sem nenhuma pretensão literária. Depois, o meu texto ganhou, gradativamente, um estilo próprio, pessoal. **O que me dava prazer não era só contar os fatos, mas retratá-los da minha maneira.** (RIBEIRO, 2008, grifo nosso)

Observa-se como a sua escrita surge a partir do desejo de narrar suas vivências, mas o desejo de contar aquilo que foi vivido passou a conviver com um estilo próprio de escrita que, se não fantasiava nem se desprendia de um compromisso com o real, ofertava ao escritor aquilo que é inerente à literatura: uma certa liberdade no modo de narrar.



Ribeiro aparenta ter consciência da impossibilidade de reviver os espaços e experiências de um tempo passado, e a construção ficcional revela-se, assim, meio de evocar esses espaços do passado e criar as suas memórias.

Cada dia fica mais distante aquele paraíso, da infância, aquele paraíso que, de alguma forma, todos nós buscamos reencontrar, mesmo que, muitas vezes, não nos demos conta disso. Aí está, pois, a razão de eu escrever: a de encontrar o caminho de volta à Terra Prometida, ao Éden, à Shangri-La, numa caminhada construída com símbolos, sonhos, invenção, memória e significados (RIBEIRO, 2002, p.236).

Já nessa afirmação de Ribeiro é possível aferir o modo como o afastamento de um tempo pretérito se apresenta motivador para o afloramento de um sentimento nostálgico. Tal sentimento, contudo, não se apresenta aleatoriamente em seus textos ficcionais, mas em razão, sobretudo, da ausência de antigos espaços e vivências. Constata-se, ainda, que o paraíso perdido que se rememora costuma conduzir a narrativa para a infância daquele que narra ou do personagem que recria um passado pelas teias da memória. Assim, já se identifica que, em Ribeiro, a tentativa de recuperar um tempo pretérito surge a partir do sentimento de ausência e saudade do que se perdeu, tais como locais e práticas sociais, mas também uma suposta inocência infantil.

Ao se considerar essas marcas singulares do retorno ao passado, e a conseqüente criação de memórias em Ribeiro, cabe aprofundar a avaliação do tipo de narrador da sua ficção que se caracteriza, ainda, por apresentar um discurso saudosista a partir do confronto com aquilo que o inquieta na contemporaneidade. De logo, identifica-se que um sujeito contemporâneo e suas apreensões se fazem presentes na obra de Ribeiro, seja nos contos ou nos romances. Por esse motivo Lígia Telles, ensaísta e professora da UFBA, na orelha do livro *O chamado da noite*, localiza a narrativa de Ribeiro em uma dada tradição ficcional:

Carlos Ribeiro dá continuidade à tradição ficcional que situa o homem no cotidiano, sozinho em meio à multidão, dela extraindo, ao perambular pelas ruas de sua cidade, a matéria poético-narrativa, conforme o fizeram Baudelaire e Poe. Na voz que conta minúsculas aventuras, os heróis das grandes narrativas são substituídos pelos seres comuns que se movimentam quer pelo espaço exterior da cidade, quer pelo espaço interior da memória. Personagens vislumbrados pelo narrador no transitar diário da cidade grande – no caso, a cidade de Salvador – duram o tempo em que são capturados pelo olhar; personagens recuperados pela memória do narrador persistem, a despeito do escoar do tempo; personagens que habitam seus sonhos atestam um mundo de desejos projetados. Através de todos eles,



delineia-se o perfil de um sujeito, na expressão da sua subjetividade, razão pela qual as pontas do território narrativo e do território lírico se tocam (RIBEIRO, 1997).

Lígia Telles localiza uma série de elementos que se fazem expressivamente recorrentes nas narrativas de Ribeiro, tais como a presença do vagar pelas ruas e dela extrair o material para a escrita, assim como as inquietações do homem sozinho na multidão. Desse modo, identificam-se dois elementos centrais que marcam os narradores de Ribeiro: um sentimento de desconforto ao se depararem com as ausências das características de uma cidade de Salvador do passado e a particular solidão do homem contemporâneo em razão da perda de antigas práticas de sociabilidade.

A personagem central de *Lunaris*, último romance de Ribeiro até então, representa uma imagem que condensa as angústias e inquietações das demais personalidades das produções literárias do escritor. Alberto, assim como as outras personagens de suas narrativas, questiona o seu estar no mundo e, ao perambular pela cidade, objetiva reconstruir espaços e experiências. Nessa narrativa, contudo, as inquietações de um mundo presente com o qual ele não se identifica levam a personagem a fantasiar e constituir um novo espaço, *Lunaris*, local que, pelas descrições, representa a cidade de Salvador da década de 1970 para onde ele se dirigia, como forma de vingança desse mundo que lhe é estranho, e no qual se dava ao prazer de “refazer pessoas, de reconstruir acontecimentos, de eliminar todos aqueles que o aborreciam” (RIBEIRO, 2007, p. 17).

Esse homem de meia idade que reiteradamente se faz representar nas narrativas de Ribeiro reflete a condição do indivíduo contemporâneo e questiona as consequências de uma “celebrada modernidade”.

Em algum momento da nossa cultura, no Ocidente, cometeu-se um erro grave. Ao se rejeitar e combater falsos valores, jogou-se os verdadeiros fora. Em algum momento da celebrada modernidade, *lançou-se fora o bebê junto com a água suja da bacia*. Com a falsa moral e a hipocrisia, renegou-se a moral; com a farsa e a falsidade, o próprio conceito de verdade; com o autoritarismo, a autoridade. O resultado aí está: uma sociedade que se fragmenta de alto a baixo, sem um só pilar que a sustente. A dúvida e a desfaçatez penetram por todos os meandros da sociedade, contaminando-a (RIBEIRO, 2007, p. 38, grifo do autor).

A inquietação do indivíduo que se revela nas narrativas de Ribeiro, além de dizer respeito aos questionamentos existenciais do ser humano, relaciona-se com a ausência



de elementos do passado com os quais não mais se depara na tessitura da cidade contemporânea.

Em seus contos e romances, a figura de um homem que retorna à cidade do passado ou que, perambulando pela cidade do presente, rememora as marcas do antigo espaço urbano surge reiteradamente. O discurso memorialístico, como se percebe, surge, em especial, a partir da percepção da cidade modernizada como lugar não apenas da celeridade, com suas máquinas e meios de transporte, mas também da fugacidade.

Nas narrativas de Ribeiro, os processos de modernização que originam uma cidade opressora são responsáveis, também, pelo apagamento dos antigos espaços nas quais as experiências eram vividas coletivamente, quer seja no ambiente familiar ou da vizinhança, por exemplo. Em detrimento do desaparecimento dos antigos redutos destinados ao convívio social, como os antigos cinemas de rua, as narrativas de Ribeiro revelam, pesarosamente, novos espaços, como o *shopping center*, que são marcados por práticas de sociabilidades distintas das que se tinha nos espaços do passado e que se deixam representar como não-lugares. O discurso memorialístico surge, em especial, a partir da percepção da cidade modernizada como lugar não apenas da celeridade, com suas máquinas e meios de transporte, mas também da fugacidade.

“Eu deixei uma cidade, e o que encontro agora?”, pensa o homem que se sente oprimido. Aqueles espaços cortados por corpos em movimento incessante parecem desfazer qualquer sentido de continuidade. O passado, o presente e o futuro dão lugar a uma insuportável sensação de transitoriedade, um mundo sem história, sem memória. Ali tudo se movimenta e tudo permanece estático [...] Que lembranças deixa um carro que passa quando milhões de carros passam e todas as pessoas do mundo passam, iguais na sua espantosa variedade? (RIBEIRO, 2012, p. 59).

A cidade se apresenta, assim, local dos ruídos, do progresso, das ondas de modernização e, sobretudo, da transitoriedade das coisas e dos seres. Revela-se, desse modo, que são as experiências humanas e a complexidade da vida urbana que desestabilizam os narradores e personagens de Ribeiro. Nesse contexto, o inquieta, ainda, a indistinção do homem que anda nessa multidão e a consciência de que “lá fora, a cidade fervilha de ausências” (RIBEIRO, 2007, p. 179)

Ribeiro se situa no rol de ficcionistas contemporâneos e, portanto, apresenta características que têm sido identificadas como marcas de uma geração. Entre tais



características, Schøllhammer(2011) destaca a presença de uma demanda de realismo que deve ser compreendida a partir da consciência da dificuldade de se capturar a “realidade” do modo mais real. Para Schøllhammer (2011), essa escrita contemporânea não mais se distingue entre os autores que abordam temas sociais e os que se voltam para abordagens mais subjetivas. Segundo ele, o que tem sido possível perceber é a ausência dessa polarização, uma vez que “a literatura que hoje trata dos problemas sociais não exclui a dimensão pessoal e íntima, privilegiando apenas a realidade exterior; escritor que opta por ressaltar a experiência subjetiva não ignora a turbulência do contexto social e histórico”. (SCHØLLHAMMER, 2011, p.15-16).

Ribeiro, localiza-se, ainda, em uma dada tradição que tem se valido de um texto da cidade como via de criação de memórias e de denúncia ou pesar por uma imagem do espaço urbano que se perdeu, sobretudo em razão das ondas de modernização. Nesse sentido, Idilva Maria Pires Germano (2009) afirma que a crítica literária brasileira que tem se voltado para uma produção do final do século XX e cujo tema central é a cidade, e nesse grupo ela destaca Alexandre Faria e Renato Cordeiro Gomes, cunhou a noção de “literatura de subtração”. Segundo Germano (2009), tal conceito compreende uma literatura na qual figura a perda da cidade ideal (racionalizável, controlável e unificável) e do discurso moderno. Isso ocorre “seja descrevendo caleidoscopicamente as cenas da vida urbana, sua heterogeneidade, as cruzeiras da violência e do medo e os fragmentos do presente avassalador, seja revisitando nostalgicamente a cidade perdida e o trabalho da memória e do sonho” (GERMANO, 2009, 427). Assim, “os textos evocam a distopia, o sentido penoso de se viver na metrópole e de dizê-la” (GERMANO, 2009, p. 427). Nesse cenário figura a produção literária de Ribeiro e a leitura de sua obra expõe a ligação entre a vida urbana e a vida subjetiva em suas narrativas a partir da representação da cidade e de um homem mergulhado no mundo contemporâneo. Dessa forma, com uma linguagem densa de poesia e humanidade, nos dizeres de Guido Guerra, a obra de Ribeiro apresenta denso material da projeção das memórias urbanas e humanas no texto literário.

Referências

ARRUDA, Angela Maria Pelizer de. Cultura e literatura contemporâneas: algumas abordagens do pós-moderno. **Estação Literária**, v. 9, p. 220-237-237, 2012

FIGUEIREDO, Eurídice. Formas e variações autobiográficas. A autoficção. In: ____ **Mulheres ao espelho**: autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

GERMANO, I. M. P.. As ruínas da cidade grande: imagens da experiência urbana na literatura brasileira contemporânea. **Estudos e Pesquisas em Psicologia** (Online), v. 9, p. 425-446, 2009.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: PROJETO: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: SP, 1981. p. 07-28.

_____. Memória: da liberdade à tirania. In: MUSAS: Revista Brasileira de Museus e Museologia, n. 4, 2009. Rio de Janeiro: IBRAM, 2009.p.06-10.

RIBEIRO, Carlos. **Já vai longe o tempo das baleias**. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1981.

_____. **O chamado da noite**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

_____. **Com a palavra o escritor**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2002.

_____. **Lunaris**. Salvador: EEP Publicações e Publicidade, 2007.

_____. **Discurso de Carlos Ribeiro na ALB**. Salvador, 31 de maio de 2007

Disponível em: <<http://www.carlosribeiroescritor.com.br/especial_discurso.htm>>

_____. **O visitante noturno**: contos. Salvador: SECULT, 2000. FUNCEB, EGBA.

_____. **Contos de sexta-feira e duas ou três crônicas**. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2010.



____ **Entrevista a Bela Marchi.** Salvador, novembro/2008

Disponível em: <http://www.carlosribeiroescritor.com.br/novo/fortuna-critica/entrevista-a-bela-marchi/>

Acesso em 20 ago. 2014

____ Entrevista Cultura: Carlos Ribeiro. Entrevista. Salvador: **A Tarde Cultural – 26/4/1996.** Disponível em: <http://www.carlosribeiroescritor.com.br/novo/fortuna-critica/entrevista-cultura-carlos-ribeiro/>

Acesso em: 20 ago. 2014